

Do espetáculo da natureza à crise climática, memórias do jornalismo ambiental¹

Agostinho Vieira²

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo:

Este artigo se propõe a apresentar uma breve história do jornalismo ambiental no Brasil, conceitos, marcos e exemplos de reportagens. Buscamos identificar as principais mudanças na cobertura ambiental ao longo do tempo, das paisagens exuberantes e aventuras que ilustravam as revistas no final do século XX até a crise climática que marca este início de século XXI. Como ressalta Sodré (1988), no Brasil dos anos 1960, natureza, paisagem e aventura estavam entre as temáticas constantes de revistas como a *Manchete*, *O Cruzeiro e Realidade*. A partir de um mapeamento exploratório (Gil, 2021), são apresentadas 15 reportagens que mostram o desenvolvimento da cobertura ambiental nos últimos 65 anos. A sistematização de tais matérias resultou em uma periodização de momentos emblemáticos do jornalismo ambiental no Brasil composta por cinco fases.

Palavras-chave: crise climática, jornalismo ambiental, memórias, crise do jornalismo.

Introdução:

No dia primeiro de julho de 2023, durante o 18º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), em São Paulo, o jornalista Ernesto Paglia, que trabalhou por 43 anos na TV Globo, apresentou três reportagens que fez sobre a Groenlândia: “A primeira vez foi em 1995, falamos sobre a aventura no gelo, as paisagens deslumbrantes e a emoção de viajar com os caçadores”, explicou. Doze anos depois, em 2007, Paglia e a equipe do Globo Repórter voltaram à região: “Nesse ano já não conseguimos mais reproduzir o que havíamos feito antes, uma viagem de 400 km sobre o mar congelado, o gelo estava todo craquelado”, lamentou. No início de 2023, o experiente jornalista teve mais uma oportunidade de voltar à Groenlândia, agora para fazer um documentário para o canal Globoplay. Nada de paisagens e aventuras:

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Faesa - Vitória - ES - De 1 a 5/9/2025

² Mestrando da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e editor do #Colabora, site especializado na cobertura de sustentabilidade. E-mail: agostinhovieira@projetocolabora.com.br

Ao longo desse período deu para constatar, nitidamente, aquilo que os cientistas vêm alertando há muito tempo. O aquecimento global existe, é sério. Grandes massas congeladas estão derretendo numa velocidade nunca vista. Isso significa que o nível do mar vai subir em cidades litorâneas como Santos, Rio de Janeiro, Recife e Natal (Abraji, 2023).

As reportagens de Ernesto Paglia na Groenlândia funcionam como uma espécie de síntese deste artigo, pois mostram, na prática, o agravamento da crise socioambiental no planeta e a consequente ampliação dos desafios enfrentados pelos jornalistas especializados no tema. As transformações apresentadas por Paglia aconteceram ao longo de quase 30 anos. Neste trabalho, vamos um pouco mais longe e voltamos ao início dos anos 1960. É desse período, por exemplo, a reportagem que descrevia uma caçada no Mato Grosso, intitulada: “Só faltou a onça”, publicada por José Hamilton Ribeiro na revista *Realidade*, em novembro de 1967. Anos depois, em 2010, Hamilton Ribeiro reconheceria: “Essa reportagem, hoje, seria impossível. É política e ecologicamente incorreta” (Marão; Ribeiro, 2010, p.103).

Em 1968, seria lançado na *TV Globo*, o programa *Amaral Netto*, o Repórter. Com uma hora de duração, nas noites de domingo, a iniciativa tinha uma abordagem forte dos temas apresentados, um tom de aventura e exaltação afinado com o ideal de “Brasil grande” dos governos militares. Os assuntos iam da pesca da baleia no litoral do Rio Grande do Norte aos pelotões de fronteira na “selva” Amazônica (Memória Globo, 2021). Mais de cinquenta anos depois, exemplos de coberturas como a da tragédia no Rio Grande do Sul, feita por Naira Hofmeister, do site *Repórter Brasil*, e os incêndios no Pantanal acompanhados por Cláudia Gaigher, da *TV Globo*, revelam mudanças importantes no enfoque e na urgência do trabalho jornalístico. O foco predominante no espetáculo da natureza e na aventura, deu lugar a uma preocupação maior com a preservação da fauna e da flora e, mais especificamente, com os impactos da crise climática na vida do cidadão. Com base no mapeamento exploratório (Gil, 2021), que incluiu a análise de dezenas de reportagens e artigos científicos, e em entrevistas em profundidade (Duarte, 2015) feitas com 15 dos jornalistas ambientais brasileiros, sugerimos, neste artigo, uma periodização do desenvolvimento do jornalismo ambiental no Brasil. Essa divisão é exemplificada pelas 15 reportagens que representam os cinco períodos históricos propostos neste trabalho, englobando 65 anos e sete décadas de produção jornalística (1960/2020). A partir das reflexões propostas, indagamos como os jornalistas traduzem esses desafios

ambientais? Quais são as histórias contadas ao longo dos últimos 60 anos? Que memórias e imaginações elas guardam desses períodos?

Jornalismo e Memória

Para Paul Ricoeur (2010), é preciso ter uma “consciência histórica” que seja capaz de distender o presente para além de si mesmo e oferecer condições para a vivência do passado e do futuro. É o que o filósofo chama de “presente histórico” ou “presente vivo” e que envolve, a seu ver, a ruptura com certas visões do passado, que o colocam como morto ou como algo a ser esquecido, e do futuro, tido como já pré-determinado por utopias e certezas. O discurso histórico busca oferecer um conteúdo verídico ou verificável, produz distinções entre o presente e o passado e viabiliza o surgimento de questões e respostas novas na atualidade e para o futuro (Becker, 2022). Segundo Ribeiro (2003), o jornalismo exerce um papel crucial na produção de uma ideia de história, “não só porque indica aqueles que, dentre todos os fatos da realidade, devem ser memoráveis no futuro (ou seja, aqueles que teriam relevância histórica), mas também porque se constitui, ele mesmo, em um dos principais registros ‘objetivos’ do seu tempo”. Uma figura determinante nesse papel da mídia para a construção da memória é o testemunho, e ele estará presente em várias das reportagens que serão apresentadas a seguir. Zelizer (2007) defende que o ato de ser testemunha ocular da história tornou-se uma marca do jornalismo e um sinônimo de boa prática jornalística. Para Ribeiro (2003), “O jornalismo não só retrata a realidade e as suas transformações, mas também as registra e as deixa como legado às sociedades futuras. A mídia é a *testemunha ocular da história*” (Ribeiro, 2003, p. 72).

Jornalismo ambiental: um conceito

Ao fazer uma reflexão sobre a cobertura das mudanças climáticas, (Gavirati, 2013) propõe dois tipos de classificação para o jornalismo ambiental: o empírico, estudado a partir do discurso jornalístico e de quem trabalha nas redações, e o conceitual, analisado a partir do discurso do movimento ambientalista, do discurso político e do discurso acadêmico. Para o autor argentino, é preciso distinguir uma notícia que trata de um tema ambiental de uma notícia produzida com uma perspectiva ambiental. “Entre o que é e o que pode ser existe uma grande diferença, que consideramos fundamental na abordagem da crise ambiental, uma vez que a sua resolução implica em uma intervenção clara no futuro” (Gavirati, 2013, p. 221, tradução do autor). Em seu ensaio sobre *A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire*, Jorge Ijuim (2009)

lembra que a capacidade de agir e refletir, defendida pelo educador, implica em uma consciência de não apenas estar no mundo, mas estar com o mundo: “O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados” (Freire, 1983, p. 19). No entanto, para ele, esse compromisso não pode ser confundido com militância:

Um ser-jornalista engajado não é necessariamente um jornalista militante de causas, ideologias ou segmentos políticos. O engajamento a que nos referimos pode ser o que Cremilda Medina (1982) chama de “solidariedade às dores universais”. Esta solidariedade – cumplicidade com o outro –, no entanto, por vezes é mal compreendida por profissionais, por falta de sensibilidade ou por permitir que sua larga experiência tenha se transformado em arrogância (Ijuim, 2009, p.36).

Para Bueno (2008), o jornalismo ambiental desempenha ou deveria desempenhar três funções básicas: a informativa, a pedagógica e a política. A primeira diz respeito ao atendimento da necessidade que os cidadãos têm de obter informações sobre questões ambientais, especialmente aquelas que os afetam. A segunda corresponde à explicitação das causas e a indicação de caminhos para a superação dos problemas socioambientais, incluindo a participação dos cidadãos. E, por fim, a função política, com o intuito de despertar a consciência dos cidadãos sobre interesses financeiros e ações políticas que agravam problemas socioambientais, mobilizando as pessoas para combatê-los. Apesar de não haver uma definição consensual para o jornalismo ambiental, autores como Girardi *et al.* (2012), Belmonte (2017) e Bueno (2008) partilham da mesma visão e acreditam que esse jornalismo deve ser calcado no comprometimento e na promoção da qualidade de vida planetária e precisa tentar enxergar além das consequências, elucidando causas e possíveis soluções para as problemáticas abordadas.

A história de Alan Rusbridger, ex-editor-chefe do jornal britânico *The Guardian*, talvez funcione como um exemplo do que o jornalismo ambiental poderia ser, nem sempre foi e ainda não é. Rusbridger deixou o cargo em maio de 2015, no mesmo ano em que foi fechado o Acordo de Paris e que foram aprovados os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Rusbridger decidiu dedicar grande parte de seus últimos seis meses no cargo a uma campanha intensa sobre a crise climática. O *The Guardian* foi o primeiro jornal no mundo a chamar de crise climática o que antes era tratado como aquecimento global. Além de publicar, extensivamente, reportagens sobre as alterações do clima no jornal e na página online, o *The Guardian* também lançou uma campanha para persuadir duas das maiores fundações de caridade do mundo, a Wellcome

Trust e a Fundação Gates, a retirarem os seus investimentos da indústria de combustíveis fósseis. Cinco anos depois, em 2020, a Wellcome Trust anunciou, sem alarde, que não trabalharia mais com a indústria de petróleo (Waterson; Carrington, 2022). Rusbridger argumentava que como a notícia, por definição, trata de temas que já aconteceram, a cobertura climática não se encaixava bem nesse escopo, uma vez que é aquilo que está para acontecer: “No jornalismo, sempre foi muito fácil escrever sobre o que aconteceu ontem, mas falhamos em escrever sobre o que pode acontecer com a humanidade em 20 anos, por exemplo” (Máximo, 2015).

Marcos históricos

Críticos aos ambientalistas e ao incipiente movimento ambientalista no Brasil argumentavam que suas reivindicações eram “exóticas e descabidas” diante da realidade social e econômica do país. Sob influência externa, eles diziam que as prioridades de uma nação em desenvolvimento deveriam ser o crescimento econômico e a criação de empregos (Pádua, 2012). No início dos anos 1970, quando informado de que algumas indústrias de aço deixariam a Europa por causa da poluição que causavam, Delfim Netto, então Ministro da Fazenda, dizia: “Venham para o Brasil porque temos espaço bastante para poluição e é mais importante fazer aço; da poluição cuidamos depois” (Arnt, 2010, p. 25). Anos mais tarde, o mesmo Delfim, já como conselheiro dos governos Lula e Dilma, admitiria: “Nunca tive a ilusão de que esta astronave independente, rodando em torno do Sol, tivesse recursos infinitos. Também nunca imaginei que fôssemos viver um período em que a evidência da finitude dos recursos fosse visível” (Arnt, 2010, p.25). Tal argumentação foi muito usada durante os governos militares e repetida pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores. Em 1823, ao defender a abolição da escravidão, durante um discurso perante a Assembleia Constituinte de um Brasil recém-independente, José Bonifácio de Andrada e Silva já denunciava com eloquência essa farsa:

As nossas preciosas florestas estão a desaparecer, vítimas do fogo e dos facões destrutivos da ignorância e do egoísmo, [...] e com o passar do tempo [...] haverá diminuição de chuvas fertilizantes que favorecem a vegetação e alimentam nossas nascentes e rios, sem os quais nosso lindo Brasil, em menos de dois séculos, ficará reduzido aos áridos desertos da Líbia (Pádua, 2004, p.53).

Os dois séculos da previsão de José Bonifácio nos levam a 2023. Ano que passou a ser classificado, ironicamente, como o “mais fresco do resto de nossas vidas” (Watanabe, 2023). Não obstante a diferença de duzentos anos, práticas rurais arcaicas

ainda existem, como o corte e queima da Floresta Amazônica e do Pantanal. O historiador e professor José Augusto Pádua argumenta que, até bem pouco tempo, a ideia predominante no Brasil era de que o debate ambiental no país teve origem em movimentos da Europa e dos Estados Unidos, inspirados em pensadores do século XIX, como John Muir³ e Henry David Thoreau⁴. Pádua, porém, discorda dessa visão e defende que o ambientalismo brasileiro foi forjado, por meio de uma combinação de fatores endógenos e exógenos. Ele propõe a divisão da história do ambientalismo no Brasil em quatro grandes períodos: De 1822 a 1930, marcado por um forte debate intelectual “ambientalista”, com poucos resultados práticos ou consequências políticas; De 1930 a 1970, com um debate ambiental restrito à comunidade científica na área de recursos naturais; De 1970 a 1990, no contexto da transição da ditadura militar para a democracia, surge uma forma de ambientalismo caracterizada por um confronto na esfera pública entre grupos ativistas de classe média em diálogo com movimentos internacionais; De 1990 até hoje, desenvolvimento de um ambientalismo que envolve diferentes atores sociais, formando a opinião pública e influenciando a ação governamental.

Em sua tese de doutorado, o professor Roberto Villar Belmonte (2020) defende que o jornalismo ambiental no Brasil passou por três períodos: o da conquista de credibilidade (nos anos 1970 e 1980), o das soluções sustentáveis (nos anos de 1990 e 2000) e o período atual, chamado de engajamento multimídia (de 2010 em diante). Belmonte também propõe uma segmentação da cobertura em três perspectivas. A primeira delas é a perspectiva científica, que ganhou relevância nos anos de 1970 e 1980, quando o jornalismo ambiental deixou de ser um apêndice do jornalismo científico. A segunda perspectiva é a econômica (anos 1990 e 2000), focada em possíveis soluções econômicas para os problemas ambientais. A terceira e última perspectiva sugerida pelo pesquisador é a cidadã (de 2010 até hoje), quando as questões ambientais ganham uma conotação política, com críticas ao capitalismo predador e excludente (Belmonte, 2000).

Consideramos válidos e pertinentes os caminhos propostos por Belmonte (2020), assim como a divisão histórica feita por Pádua (2012) e apresentada anteriormente. Mas sugerimos outra segmentação neste artigo, articulando marcos históricos globais e locais e o enfoque dado às coberturas ambientais ao longo do tempo decorrente do próprio

³ John Muir: O Defensor Incansável da Natureza. Disponível em: <<https://bit.ly/3ScFa11>>. Acesso em: 23 out. 2024

⁴ Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/vida-sustentavel/henry-thoreau/> Acesso em: 23 out. 2024

desenvolvimento da imprensa no Brasil. Assim, sistematizamos cinco períodos do desenvolvimento do jornalismo ambiental no Brasil, de acordo com a Tabela 3 abaixo:

Tabela 3: Periodização do desenvolvimento do jornalismo ambiental no Brasil

<i>Natureza e Aventura</i>	Décadas de 1960 e de 1970
Tragédias Ambientais	Década de 1980
Risco Climático	Década de 1990
Ambientalismo e Negócio	Década de 2000
Crise Climática	Década de 2010 até os dias de hoje

Fonte: Elaboração do autor

O primeiro período do jornalismo ambiental foi configurado nos anos de 1960 e 1970, e foi marcado pelas reportagens de *Natureza e Aventura*, típicas da época, e pela *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, que teve lugar em Estocolmo, em 1972*. Já a segunda fase, intitulada *Tragédias Ambientais*, corresponde aos anos de 1980 e concentra uma expressiva quantidade de tragédias e crimes ambientais, como *Cubatão, o Césio-137, Chernobil e o assassinato de Chico Mendes*. Os anos de 1990, terceiro segmento, classificado como *Risco Climático*, são caracterizados pela *Rio-92 e pelo início da mobilização internacional contra as mudanças climáticas*. A quarta fase de desenvolvimento do jornalismo ambiental no país começa nos anos 2000, quando a temática ambiental passa a incluir também uma preocupação econômica e ganha um viés maior de negócio nos grupos de comunicação e em diferentes setores empresariais. Chamamos de *Crise Climática* a última fase dessa periodização do jornalismo ambiental. Iniciada em 2010 e se estendendo até os dias de hoje, ela foca no agravamento da crise socioambiental em todo o planeta. Essa segmentação, obviamente, não é estanque e nem rigorosa, busca apenas dar um sentido histórico às mudanças nas coberturas jornalísticas socioambientais. As tragédias ambientais, infelizmente, não ficaram restritas aos anos de 1980. Assim como ainda podem ser vistas reportagens sobre paisagens e aventuras nos dias de hoje, mesmo que em menor número. Essa periodização, no entanto, ajuda a compreender como se deram as alterações no modo de tratar informações jornalísticas sobre meio-ambiente, biodiversidade, desenvolvimento sustentável e, também, sobre as relações entre natureza, qualidade de vida e questões econômicas e políticas.

A partir de um mapeamento exploratório (Gil, 2021), que inclui uma farta análise da produção jornalística desse período e de documentos sobre a temática, reunimos neste

artigo 15 reportagens emblemáticas realizadas durante sete décadas (Tabela 4), dos anos 1960 aos dias atuais. Um exemplo de reportagens realizadas entre os anos 1960 e 1970 (Natureza e Aventura), é o conjunto de matérias produzido pelo jornal O Globo, em 1970, que trata da polêmica construção da Rodovia Transamazônica. O autor ou autores das matérias, publicadas na página 11 da edição de 19 de junho de 1970, não são identificados, mas os textos descrevem a exuberante floresta como uma espécie de obstáculo ao desenvolvimento: “Estudos realizados pelo DNER indicam que o projeto rodoviário representa a grande escalada para o desbravamento, colonização e desenvolvimento da Amazônia, com benefícios para o Nordeste a curto, médio e longo prazos”, dizia o texto sob a manchete Transamazônica: assinado edital para construção. Um pouco mais abaixo, o então ministro da Fazenda, Delfim Netto, em reunião com empresários, garantia: “Vamos empurrar a fronteira para a conquista de um novo país”.

Há muitos e variados relatos jornalísticos de Tragédias Ambientais nos anos 1980, dos níveis absurdos de poluição industrial, em Cubatão, até o acidente com o Césio-137, em Goiânia, e a morte de Chico Mendes, no Acre. A reportagem escolhida sobre Cubatão foi a de Randau Marques, do Jornal da Tarde. O jornalista é um dos precursores do jornalismo ambiental no Brasil e cunhou a expressão “Vale da Morte”⁵ para se referir a Cubatão, na Baixada Santista, no início dos anos 1980. Foi Randau quem apurou e levou ao conhecimento da sociedade a tragédia na região, onde a poluição era tão forte que provocava a chamada “chuva ácida”, dizimando a cobertura vegetal da Serra do Mar (O ECO, 2020). Outro exemplo dessa época é o livro Goiânia, Rua 57: O nuclear na Terra do Sol, de Fernando Gabeira. O jornalista relata o acidente nuclear ocorrido na cidade em setembro de 1987 e faz uma análise sobre a condução da política energética brasileira.

O terceiro período, intitulado Risco Climático, compreende os anos 1990 e foi marcado pelas negociações socioambientais da Rio-92. Para esta pesquisa, escolhemos como exemplo o trabalho da jornalista Daniela Chiaretti durante a Rio-92. Hoje, Chiaretti é repórter especial do Valor Econômico, mas na época era uma jovem jornalista da Folha de S. Paulo: “única mulher da equipe”, como faz questão de ressaltar. Nessa matéria ela conta os bastidores de uma negociação sobre preservação das florestas, em uma das raras vezes em que os Estados Unidos foram derrotados. O negócio do verde, uma reportagem de Ricardo Arnt, publicada em 2001 na Revista Exame, funciona como síntese das

⁵ <<https://oeco.org.br/reportagens/quem-foi-randau-marques-o-pioneiro-do-jornalismo-ambiental-no-brasil/>>. Acesso em: 24 out. 2024

coberturas do início do século XXI, no período que classificamos como Ambientalismo e Negócio. Ele conta, na reportagem, que havia “um potencial de 2 trilhões de dólares enraizado na flora e na fauna nacional. Arnt explica que, entre os 17 países mais ricos do mundo em biodiversidade, “o Brasil está em primeiro lugar disparado: detém 23% do total de espécies do planeta” (Fapesp, 2021). No último período, que chamamos de Crise Climática, de 2010 até hoje, aparecem, entre outras reportagens, as enchentes no Rio Grande Sul, cobertas por Naira Hofmeister, da Repórter Brasil, e os incêndios no Pantanal, acompanhados de perto pela jornalista Claudia Gaigher, da TV Globo.

Gil (2021) explica que as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos. Segundo o autor, “habitualmente elas envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e análises de casos” (Gil, 2021, p.26). Este foi o percurso metodológico adotado nesta investigação. É importante ressaltar que as 15 reportagens elencadas neste mapeamento exploratório (Tabela 4) são apenas exemplos, constituindo um retrato de cada período, e não têm a pretensão de esgotar a extensa e qualificada cobertura ambiental produzida ao longo de mais de 60 anos.

Tabela 4: Mais de 60 anos de Jornalismo Ambiental em 25 reportagens

Título da Reportagem:	Autor:	Ano:	Veículo onde foi publicada:	Periodização:
Só faltou a onça	José Hamilton Ribeiro	1967	Revista Realidade	Anos 1960/70: Natureza e Aventura
Amaral Netto, o Repórter	Amaral Netto	1968	TV Globo	Anos 1960/70: Natureza e Aventura
Transamazônica: assinado edital para construção	Sem autor	1970	O Globo	Anos 1960/70: Natureza e Aventura
Jari – O império do Dr. Ludwig: um mistério de 15 anos	Lúcio Flávio Pinto	1984	O Liberal	Anos 1980: Tragédias Ambientais
A Serra do Mar está desabando	Randau Marques	1985	Jornal da Tarde	Anos 1980: Tragédias Ambientais
Goiânia, rua 57: o nuclear na Terra do Sol	Fernando Gabeira	1987	Livro reportagem	Anos 1980: Tragédias Ambientais
SOS Baía de Guanabara	Bruno Casotti	1991	Jornal do Brasil	Anos 1990: Risco Climático
EUA são derrotados em texto sobre florestas	Daniella Chiaretti	1992	Folha de S. Paulo	Anos 1990: Risco Climático
No topo do mundo: 3xÁrtico	Ernesto Paglia	1995	TV Globo	Anos 1990: Risco Climático

O negócio do verde	Ricardo Arnt	2001	Revista Exame	Anos 2000: Ambientalismo e Negócio
Planeta Terra	Ana Lúcia Azevedo	2002	O Globo	Anos 2000: Ambientalismo e Negócio
Cidades e Soluções	André Trigueiro	2007	GloboNews	Anos 2000: Ambientalismo e Negócio
Incêndio no Pantanal	Claudia Gaigher	2020	TV Globo	2010 até hoje: Crise climática
Nome aos Bois	Ana Magalhães et al	2022	Repórter Brasil	2010 até hoje: Crise climática
Enchente no Sul arrasa lavouras de arroz orgânico do MST	Naira Hofmeister	2024	Repórter Brasil	2010 até hoje: Crise climática

Fonte: Elaboração do autor

Considerações finais:

No dia 6 de maio de 2024, uma segunda-feira, quando a tragédia do Rio Grande do Sul completava uma semana, registrando 85 mortos e 134 desaparecidos, o apresentador William Bonner, na tradicional bancada do Jornal Nacional, na *TV Globo*, anunciava a principal manchete do dia: “Catástrofe climática no Rio Grande do Sul”. Cinquenta anos depois da Conferência Ambiental de Estocolmo e trinta anos após a Rio-92, o mundo mudou. E o jornalismo também. A emissora que abriu espaço, nos anos 1960, para as matérias ufanistas de Amaral Netto, o Repórter, alinhadas ao espírito dos governos militares, assume como fato, sem meias palavras, que estamos sofrendo os graves efeitos da urgência climática, uma “catástrofe” que afeta a vida de todos os brasileiros. Ao longo das análises deste artigo, fica clara não só a mudança no enfoque das reportagens, expressa nos títulos da periodização, como também a enorme influência que passou a ser exercida por leitores e expectadores no trabalho dos jornalistas. Pautas como a da caçada à onça, da revista *Realidade*, ou a defesa acrítica de obras como a *Transamazônica*, feita pelo Globo, são mais raras nos veículos de hoje. E, quando ganham espaço, são objeto de uma enorme discussão nas redes sociais. Do mesmo modo, o trabalho revela que a mediação qualificada do jornalista na cobertura socioambiental segue sendo uma prática social relevante e imprescindível no combate à desinformação e na árdua tarefa de ajudar a promover uma sociedade mais sustentável e inclusiva.

Em 2012, um estudo feito pelo Tow Center para Jornalismo Digital, da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, logo nas primeiras linhas, faz um alerta:

“O presente dossiê trata do exercício do jornalismo e de práticas de jornalistas nos Estados Unidos. Não é, contudo, um documento sobre o ‘futuro da indústria jornalística’”. E explica: “Em primeiro lugar, porque boa parte desse futuro já chegou. E, segundo, porque já não há mais uma indústria jornalística, por assim dizer” (Anderson; Bell; Shirky, 2013, p.30). Ao longo das quase 60 páginas do dossiê *Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos*, Anderson, Bell e Shirky fazem questão de diferenciar o jornalismo, em si, da indústria jornalística. Para eles, o jornalismo segue sendo essencial:

O jornalismo expõe a corrupção, chama a atenção para a injustiça, cobra políticos e empresas por obrigações assumidas. Informa cidadãos [...], explica temas complexos e esclarece divergências. O jornalismo exerce um papel insubstituível, tanto em regimes democráticos como em economias de mercado (Anderson; Bell; Shirky, 2013, p.33).

Referências

ABRAJI, Congresso, 2023. Masterpapo com Ernesto Paglia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fWkymrOw8nI>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. **Jornalismo pós-industrial: Adaptação aos Novos Tempos**. Revista de Jornalismo ESPM. nº 5, ano 2. São Paulo: ESPM, 2013. p. 30 – 89

ARNT, R. **O que os economistas pensam sobre sustentabilidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

BECKER, B. **A construção audiovisual da realidade: uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo**. Rio de Janeiro: Maud Editora, 2022

BELMONTE, R. V. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro**. Revista Brasileira de História da Mídia, v.6, nº 2, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656/3817>>. Acesso em: 8 jul. 2023.

BELMONTE, R. V. **O Jornalismo Ambiental: Três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso**. Tese de doutorado, UFRS, Porto Alegre, 2020

BUENO, W. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: Jornalismo Ambiental: Desafios e reflexões. (Orgs) GIRARDI, I.; Schwaab, R. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: _____ e BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015, p. 62-83.

FREIRE, P. **O compromisso profissional com a sociedade**. In: Educação e mudança. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GAVIRATI, P. **Mediatizar el ambiente, ambientalizar los médios: tensiones en torno al discurso periodístico sobre el cambio climático**. In: FERNÁNDEZ REYES, R.; MANCINAS-CHÁVEZ, R. Actas de las Jornadas Internacionales Medios de Comunicación y Cambio Climático. Sevilla: Fênix editora, 2013. p. 217-232.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Pesquisas exploratórias. Cap. 3, p. 26. São Paulo: Editora Atlas, 2021

GIRARDI, I., SCHWAAB, R., MASSIERER, C., LOOSE, E. B. (2012). **Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**. Comunicação & Sociedade, 34(1),132-152. DOI: 10.15603/2175-7755/cs.v34n1p131-152.

IJUIM, Jorge Kanehide. **A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire**. Em Questão, Porto Alegre, v. 15. n. 2, p. 31- 43, jul/dez. 2009.

MARÃO, J.C.; RIBEIRO, J.H. **Realidade: a história e as melhores matérias da revista que marcou o jornalismo e influenciou as mudanças no país**. Santos: Realejo Edições, 2010.

MÁXIMO, L. **‘The Guardian’, um jornal que tem causas**. Observatório da Imprensa, 9 jun. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/4jW65JC>>. Acesso em: 15 out. 2024

MEMÓRIA GLOBO. **AMARAL Netto, o Repórter**. 29 out. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/4kICgxz>>. Acesso em: 23 jan. 2024

O ECO. **Quem foi Randau Marques, o pioneiro do jornalismo ambiental no Brasil?** O ECO, 2 set. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/4eaj7Sw>>. Acesso em: 24 out. 2024

PÁDUA, J. A. **Environmentalism in Brazil: An Historical Perspective**. Article published in A Companion to Global Environmental History, edited by John R. McNeill and Erin Stewart. Oxford: Wiley- Blackwell, 2012. Disponível em: < <https://shorturl.at/92KHn> >. Acesso em: 10 out. 2024

PÁDUA, J. A. **Nature Conservation and Nation Building in the Thought of a Brazilian Founding Father: José Bonifácio (1763-1838)**. CBS Working Paper, n. 53. Center for Brazilian Studies, University of Oxford, 2004

RIBEIRO, A. P. G. **A mídia e o lugar da história**. In: HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. M. Mídia, memória e celebridades. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003. p. 24-44 e 87-111.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. I.

SODRÉ, M. **A comunicação do grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil**. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 1988.

WATANABE, P. **Novembro bate recorde de calor para o mês e 2023 será o ano mais quente da história**. Folha de S. Paulo, 6 dez. 2023. Disponível em: <<https://bit.ly/444Kxoq>>. Acesso em: 8 dez. 2023.

WATERSON, J; Carrington, D. **Wellcome Trust sells stakes in large oil and mining companies**. The Guardian, London, 21 jul. 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/447EMX7>>. Acesso em: 15 out. 2024.

ZELIZER, B. **On “Having Been There”**. “Eyewitnessing” as a Journalistic Key Word, Critical Studies in Media Communication. Vol 24, n 5D, dez 2007, p. 408-428